

# Reabilitação e Valor Patrimonial

*“Se em vez de se construírem mais edifícios, se reabilitarem os que existem, consegue-se, ao mesmo tempo, atingir quatro objectivos: salvaguardar o património natural e a paisagem; manter vivos os centros históricos das cidades (...), conservando o seu carácter e atmosfera; preservar a qualidade de vida das populações; e aproveitar melhor o importante recurso económico que é o parque edificado.”<sup>1</sup>*

O património arquitetónico engloba aspetos resultantes da interação entre a comunidade e os lugares através do tempo, destacada pela identidade coletiva e pela diferenciação e valorização territorial. Deste modo, as intervenções no património observam e cuidam as valências que caracterizam o seu carácter único e insubstituível. A reabilitação de edifícios preexistentes, exigindo uma maior complexidade técnica e multidisciplinar, torna desejável o desenvolvimento de estratégias que, preservando ou não a função original, permitam atender às características e valores dos edifícios primitivos, de modo a proporcionar a sua sobrevivência, sem que sejam alienadas as suas características essenciais. Se por um lado, se devem assegurar argumentos para que os edifícios prolonguem a sua vida útil, por outro lado, a capacidade de os integrar em novas lógicas socioculturais, legislativas e comerciais torna o processo de reabilitação inevitavelmente mais complexo, sobretudo quando o universo a intervir se estende aos edifícios comuns, ou seja, de valor patrimonial ou arquitetónico não declarado ou menos reconhecido, atitude que se tem vindo a instalar como prática deliberada e consciente.

No contexto do *Programa de Modernização das Escolas com Ensino Secundário* (PMEES) desenvolvido pela Parque Escolar, a estratégia de reabilitação assinalou uma das imagens de marca do processo, intervindo-se sobre um valioso legado patrimonial, social, e cultural que se entendeu dever ser defendido, preservado, sustentado e modernizado. Com valores arquitetónicos imensamente diversos, quase contraditórios, evidenciaram-se (em demasia) as diferenças entre as intervenções dirigidas ao liceu Rodrigues de Freitas, ou a uma das últimas escolas pavilhonares, construídas na década de 80. Mas, neste sentido, e reconhecendo-se a contraditória condição do valor patrimonial do edificado, ampliaram-se outras dimensões e significados de património, que não apenas a sua circunstância física e espacial.

A arquitetura reafirma-se como a infraestrutura espacial que concretiza e materializa a instituição escolar, criando condições para o desenvolvimento dos ideais pedagógicos. Um dos objetivos do processo de reabilitação e modernização das escolas secundárias portuguesas incorporou o desígnio de conforto ambiental, atratividade espacial, inovação tecnológica e necessidade de recriar uma escola capaz de responder à pluralidade de desafios colocados quotidianamente na sua vivência. Ao procurar uma maior proximidade e sentido de cumplicidade junto das comunidades, implementaram-se padrões qualificados de habitabilidade e segurança.

Tendo como base um parque edificado preexistente que se caracteriza (genericamente) por um enquadramento em respostas normalizadas, correspondendo à quase totalidade de escolas a um conjunto de tipologias, assistiram-se a três abordagens e estratégias distintas. A primeira, baseada na preservação das características tipológicas iniciais, garantindo uma leitura mais imediata da configuração e imagens originais; a segunda, em que se verifica uma articulação entre edifícios preexistentes, e outros construídos de raiz, na configuração de uma nova escola que não oculta a essência dos dois tempos de intervenção. Finalmente, a terceira que, reconstrói globalmente as condições do edificado preexistente na definição de uma solução menos vinculada às condições das construções originais.

Independente da estratégia e dos resultados, o diálogo estabelecido entre as características das preexistências e o valor patrimonial colocam a pertinência da convocação da memória e da identidade. Esta circunstância é naturalmente majorada pela condição do Programa considerar exclusivamente a reabilitação de edifícios preexistentes, entendendo-os (independentemente do valor arquitetónico absoluto) como efetiva matéria-prima no processo da sua transformação.

Revisitando alguns edifícios de diferentes tipologias, confirmam-se resultados que, sem prescindirem das especificidades originais, promovem intervenções diversificadas e resultados plúrais.

O edifício mais antigo, reconduzido na função escolar, tem origem num antigo colégio jesuíta cuja inauguração data de 1877. Na escola **Sá de Miranda** (arq.º Bernardo Távora), o autor persegue escrupulosamente a integridade das condições originais dos edifícios preexistentes, sem deixar de lhes acoplar novas peças, de conformação e imagem contemporâneas.

As intervenções nos liceus decorrentes do Plano de 38, como as escolas **Alves Martins** (arq.º Cândido Chuva Gomes), **Carolina Michaelis** (arq.º Manuel Fernandes de Sá), e **José Estêvão** (arq.º Bernardo Távora), deparam-se com a necessidade de dialogar com valores patrimoniais assinaláveis e reconhecidos, constituindo aquelas escolas como exemplos paradigmáticos, quer da história da arquitetura escolar, quer da evolução dos modelos pedagógicos. Perante as soluções, apesar de incentivarem uma profunda reorganização espaço-funcional, torna-se notório que, na incorporação dos novos conteúdos programáticos, as estruturas compositivas não alteraram o seu sentido original.

O Plano de 47 para a construção das escolas técnicas propõe soluções alicerçadas numa hierarquização funcional diretamente relacionada com a construção de edifícios diferenciados cujas intervenções englobaram e aglutinaram através de pequenos momentos construídos de novo. É o caso da reabilitação da escola **Aurélia de Sousa** (arq.º Carlos Prata), **Francisco de Holanda** (arq.º José Gigante), e **Abade Baçal** (arq.º Manuel Fernandes de Sá), que se deparam igualmente com edifícios de valor histórico e patrimonial, que importou preservar e potenciar. Neste sentido, a construção nova é imensamente respeitadora da essência compositiva e imagética dos edifícios preexistentes, não prescindindo de assinalar, com descrição, um segundo tempo de intervenção.

Na década de 60, e na sequência dos estudos normalizados, instalaram-se as soluções pavilhonares como resposta à construção do edifício escolar, mantendo a dispersão de vários edifícios no lote escolar e alguma especialização, nomeadamente na diferenciação entre os edifícios letivos, todos iguais, e o destinado às funções sociais e administrativas. Na intervenção da escola de **Barcelos** (arq.º António Cerejeira Fontes), recorre-se ao novo programa para aglutinar a escola num todo único, conservando a identidade e a inteligibilidade dos dois edifícios pavilhonares preexistentes.

Finalmente, a partir do início dos anos 80, assiste-se à confirmação da estratégia pavilhonar em todo o território nacional, massificando a expansão da rede escolar como forma de encontrar resposta à emergência decorrente da universalização do acesso ao ensino. Estes edifícios, resultantes de um único *projeto-tipo*, sem qualquer adequação ao território ou ao clima, proporcionaram escolas compostas por vários volumes independentes, e com uma envolvente construída, sem hierarquia exterior ou diferenciação espacial interior, o que resultou num momento de menor qualidade espacial e construtiva. Invertendo essas características, a intervenção na escola de **Vale de Cambra** (arq.º Fróis do Amaral) propõe uma aglutinação de todos os corpos num único organismo que se redesenha globalmente na afirmação de uma imagem integrada.

Depois de uma expressiva experiência, resultante da intervenção em 205 escolas, e da análise particular daquelas que integram este universo de estudo, compreende-se que o sentido tipológico que assinalou a história do edifício escolar em Portugal encontrou neste Programa uma profunda alteração de paradigma, transformando os ideais de normalização na concretização da singularidade.

Promovendo a condição pedagógica da atitude de reabilitar, reconhecendo as especificidades e os limites de cada um dos edifícios pré-existentes, hierarquizando e criticando o valor patrimonial das escolas intervencionadas, convocando as expectativas das direções e das comunidades e, finalmente, apelando ao bom-senso, cultura e inteligência dos autores, o Programa permitiu que a arquitetura atuasse em várias frentes: salvaguardar a relação social, cultural e territorial com as escolas; incentivar a cumplicidade e sentido de pertença; e por último, preservar a identidade, promovendo, no entanto, artefactos arquitetónicos profundamente renovados que assinalam a condição de contemporaneidade.

<sup>1</sup> **ESPIGA, Adelaide; SJÖSTRÖM, Christer; TORRES, Cláudio** [et al.] – *Em defesa do património natural e cultural. Reabilitar em vez de construir*. (p. 67).

© André Santos e Catarina Monteiro

#03-007 Escola Secundária de CAROLINA MICHAELIS

#05-009 Escola Secundária AURÉLIA de SOUSA

#10-014 Escola Secundária SÁ de MIRANDA

#19-039 Escola Secundária FRANCISCO de HOLANDA

#30-050 Escola Secundária de PAREDES

#37-058 Escola Secundária de ABADE de BAÇAL

#40-061 Escola Secundária JOSÉ ESTEVÃO

#42-063 Escola Secundária EMÍDIO NAVARRO

#43-064 Escola Secundária ALVES MARTINS

#48-113 Escola Secundária de VALE de CAMBRA

#49-114 Escola Secundária de BARCELOS

#50-115 Escola Secundária MARTINS SARMENTO



#03-007 Escola Secundária CAROLINA MICHAELIS

© André Santos



#10-014 Escola Secundária SÁ de MIRANDA

© André Santos



#30-050 Escola Secundária de PAREDES

© André Santos



#40-061 Escola Secundária JOSÉ ESTEVÃO

© Rita Burmeister



#43-064 Escola Secundária ALVES MARTINS

© Mariana Pereira



#49-114 Escola Secundária de BARCELOS

© Catarina Monteiro



#03-007 Escola Secundária CAROLINA MICHAELIS

© André Santos



#10-014 Escola Secundária SÁ de MIRANDA

© André Santos



#05-009 Escola Secundária AURÉLIA de SOUSA

© André Santos



#19-039 Escola Secundária FRANCISCO de HOLANDA

© André Santos



#37-058 Escola Secundária de ABADE de BAÇAL

© André Santos



#42-063 Escola Secundária EMÍDIO NAVARRO

© Mariana Pereira



#48-113 Escola Secundária de VALE de CAMBRA

© Eliana Santos



#50-115 Escola Secundária MARTINS SARMENTO

© Alexandra Kovács



#05-009 Escola Secundária AURÉLIA de SOUSA

© André Santos



#19-039 Escola Secundária FRANCISCO de HOLANDA

© André Santos